

Jaciane Muniz de Aguiar

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: jacianemuniz@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4791-872X>**Rita de Cássia Silva Dionísio Santos**

Universidade Estadual de Montes Claros (UIMONTES)

E-mail: cassiadionisio@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7765-0701>

Des(caminhos) do amor e seus labirintos em Amor Cruel, Amor Vingador de Maria José de Queiroz

Resumo

Esta pesquisa tem como proposta apresentar uma análise ficcional da obra *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), de Maria José de Queiroz, em especial, dos cinco contos que compõem a narrativa – “O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” –, buscando compreender seus enigmas e labirintos. Neles, percebe-se um enredo baseado nas dualidades do amor, tramas que descrevem minuciosamente o bem e o mal e histórias enigmáticas, amores doentios que irão ocasionar assassinatos e suicídios. A nossa investigação consiste na pesquisa de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico. Utiliza-se para discussões autores, como Maria Lúcia Barbosa (2018), Lyslei Nascimento (1995), dentre outros. No desenrolar da narrativa, nota-se que os narradores chamam nossa atenção para as histórias de suspense e tramas policiais enveredadas pela descrição das classes marginalizadas – por exemplo, as mulheres que, marcadas pela necessidade de pertencerem ao universo masculino, erigem estratégias de resistência ao silenciamento. Portanto, o amor e o ódio nos enredos de Maria José de Queiroz, de maneira denunciativa, metaforizada e irônica, apontam para acontecimentos que representam as mazelas sociais, como, patriarcalismo vigente e a desigualdade entre os sexos, como forma de evidenciar o poder masculino na sociedade.

Palavras-chaves: Maria José de Queiroz; Narrativas Enigmáticas; Amor; Ódio.

Des(paths) of love and its labyrinths in Cruel Love, Avenging Love by Maria José de Queiroz

Abstract

This research aims to present a fictional analysis of the work *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), by Maria José de Queiroz, in particular, the five short stories that make up the narrative – “O Juramento”; “Old man with young woman”; “Initiation to the treatise on despair”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” and “A morte ao pé da literal” –, seeking to understand their enigmas and labyrinths. In them, you can see a plot based on the dualities of love, plots that thoroughly describe good and evil and enigmatic stories, unhealthy loves that will lead to murders and suicides. Our investigation consists of critical-theoretical, deductive and analytical bibliographical research. Authors such as Maria Lúcia Barbosa (2018), Lyslei Nascimento (1995), among others, are used for discussions. As the narrative unfolds, it is noted that the narrators draw our attention to suspense stories and police plots involved in the description of marginalized classes – for example, women who, marked by the need to belong to the male universe, erect strategies of resistance to the silencing. Therefore, love and hate in

Maria José de Queiroz's plots, in a denunciatory, metaphorical and ironic way, point to events that represent social ills, such as current patriarchalism and inequality between the sexes, as a way of highlighting male power. in society.

Keywords: Maria José de Queiroz; Enigmatic Narratives; Love; Hate.

1. Considerações Iniciais

Este artigo – parte da pesquisa de dissertação de mestrado –, defendida em 2022, tem como objetivo analisar as dualidades e os labirintos do amor presentes no livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), da escritora Maria José de Queiroz, a fim de compreender o amor e a morte, a partir de uma lógica entre o bem e o mal. Nesta perspectiva, nota-se que o amor transfigura e arrasta as personagens para o abismo da loucura e da morte.

Amor Cruel, Amor Vingador é um livro de contos, em que o amor e o ódio estão descritos de maneiras duais, mostrando personagens que fazem de tudo para conquistar seus desejos. As personagens femininas dos enredos representam as lutas constantes das mulheres nos séculos XIX e XX, uma vez que a sociedade patriarcal é denunciada e ironizada na literatura de Maria José de Queiroz.

A propósito, a estrutura desta pesquisa foi organizada em três tópicos. Apresentamos um panorama da trajetória de Maria José de Queiroz, apontando sua inserção na literatura e na sociedade brasileira e mineira. Começamos pela sua bibliografia, descrição, desde sua vida acadêmica até a contemporaneidade, principais escritos, os primeiros trabalhos acadêmicos – sua história em geral. Em seguida, as duas faces do amor, a partir das análises dos cinco contos (“O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”), fizemos uma análise do enredo. Apontamos a composição do livro, a temática, uma análise da ilustração da capa do livro, a classificação quanto ao gênero, novela/conto, os títulos das narrativas e como se relacionam com os narradores dos enredos e os labirintos do amor e do ódio, que resultou na morte dos personagens dos enredos de Maria José de Queiroz.

No âmbito da literatura produzida no Brasil, a fortuna crítica atinente à obra de Maria José de Queiroz inclui artigos de livros, dissertações, teses, monografias, resenhas e algumas leituras apresentadas em colóquios, segundo expõe Barbosa (2018).

Os estudos críticos acerca da produção ficcional da autora são considerados escassos, no que diz respeito à dimensão dos temas, carecendo de pesquisas que enriqueçam seu potencial

literário, além do vasto conhecimento e diversidade de informações oportunizados pelos seus escritos.

Dentre sua ampla produção literária, aproximadamente 30 títulos, entre poesia, conto, romance, literatura infantojuvenil e ensaios críticos, estão *Homem de setes partidas* (1980), *Joaquina, filha de Tiradentes* (1987), *Exercício de Levitação* (1971), *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) e *O Chapéu Encantado* (1992), dentre outros.

Maria José de Queiroz, em suas produções literárias, descreve o cenário mineiro, seus costumes, suas tradições, personagens femininas marcadas por preconceitos, apagadas e silenciadas pela sociedade patriarcal, a partir da relação entre o factual e o real.

Em boa parte de sua ficção, Maria José de Queiroz busca recuperar a memória cultural histórica de Minas Gerais por meio da ficção, sem o rigor historiográfico tradicional. As narrativas orais, que não estão sujeitas ao encarceramento de datas, fatos e documentos precisos, acabam por compor um mosaico cultural das Minas Gerais com lembranças estruturantes do imaginário (NASCIMENTO, 1995).

A produção ficcional de Queiroz apresenta enfoques histórico-sociais permeados de perspectivas com as quais a autora elabora seus enredos e os fatos narrados, no interior das obras, valorizando a descrição e os detalhes dos acontecimentos históricos (BARBOSA, 2018). Constrói, assim, uma visão de tempos e espaços distintos, que permitem pensar numa concepção histórica, política e social, marcada por acontecimentos de relevância para a formação da identidade cultural, coletiva ou individual.

Dessa forma, Queiroz leva-nos a navegar em um universo recheado de surpresas e enigmas, que estabelece possibilidades de compreensão do texto ficcional. Conforme Barbosa (2018), seria possível, então, afirmar que o ilusório, resultante do ato de fingir é o que imprime a dimensão do ficcional no texto literário, ou que o fictício é a concretização do imaginário que transpõe, por intermédio da linguagem, elementos da realidade.

A escritora Maria José de Queiroz faz-nos, pois, considerar, a partir das suas narrativas, a pertinência da produção de autoria feminina na historiografia literária, desenvolveu excelentes contribuições para a literatura brasileira e mineira.

2 Fundamentação Teórica

2.1 A trajetória da escritora maria José de Queiroz

Figura 1: Maria José de Queiroz.



Fotografia: Lyslei Nascimento - Rio de Janeiro, 2019¹.

Maria José de Queiroz nasceu em 29 de maio de 1936, em Belo Horizonte, e faleceu 15 de novembro de 2023, em Lagoa Santa – Minas Gerais, aos 89 anos. A escritora mineira, que deixa um importante legado para a história e a literatura brasileiras, além de escritora, foi professora, ensaísta e poeta, tendo começado a publicar ainda jovem, quando era estudante. Maria José de Queiroz doutorou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, ingressando como professora de Literatura Hispano-Americana, Brasileira e Comparada, na mesma universidade. Aos vinte e seis anos, tornou-se catedrática do país, uma mulher reconhecida socialmente pelos seus escritos e pelo seu potencial profissional. Como professora convidada, teve uma longa carreira em importantes universidades americanas e europeias: Indiana, Harvard, Berkeley, Sorbonne, Lille, Bordeaux, Aix-en-Provence, Bonn e Colônia.

¹ As fotografias foram gentilmente cedidas pela Professora Lyslei Nascimento, da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Filha única, ainda criança perdeu o pai, em razão de um acidente com arma de fogo. Devido a essa fatalidade, viveu em condições bastante modestas, com um único meio de sustento, advindo do trabalho da sua mãe Honória, florista, vendedora de flores artificiais, conforme afirma Nadiny Prates Fiúza (2019), em “Figurações do masculino em *Invenção a duas vozes*, de Maria José de Queiroz”.

Devido à persistência e dedicação de Honória, Queiroz conseguiu uma bolsa de estudos no colégio *Sacré-Couer de Marie*, um dos educandários femininos mais renomados de Minas Gerais, localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, um colégio de formação católica, frequentado por meninas de família burguesa (Fiúza, 2019).

Em 1980, Queiroz e D. Honória mudaram-se para o Rio de Janeiro, por questões de trabalho e editoriais. Observa-se que a migração de escritores mineiros, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros autores, que saíam de Minas Gerais para procurar uma vida melhor em outros estados, foi um fenômeno que, segundo Humberto Werneck, em *O desatino da Rapaziada* (1992) ficou conhecido como “diáspora mineira”. Os motivos para os deslocamentos consistem no fato de estados como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, permitirem conciliação e valorização da criação artística e amplidão de novos horizontes, ainda de acordo com a pesquisadora Fiúza (2019).

A produção crítica literária de Queiroz teve início em 1961, quando ela publicou o primeiro ensaio sobre literatura, intitulado *A poesia de Juana de Ibarbourou*, pela Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais. Desde então, ela publicou seis romances, cinco volumes de versos, dois livros de contos, duas obras de literatura infantojuvenil, uma autobiografia, além de quinze ensaios, com temáticas variadas, como comida, o exílio e o cárcere, a mulher e a própria literatura.

Em 1984, também escreveu para jovens, pertencendo aos quadros da Academia Mineira de Letras e do Pen Clube do Brasil. Pela sua produção literária, Maria José de Queiroz conquistou o Prêmio Sílvia Romero de Ensaio, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, o Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo de Ensaio, da Academia Mineira de Letras, também em 1963 e, naquele mesmo ano, o Prêmio Pandiá Calógeras de Erudição, da Secretaria do Estado de Minas Gerais, o Prêmio Luísa Cláudio de Souza de Romance, do PEN Clube do Brasil, em 1979, o Prêmio Jabuti de Ensaio, da Câmara Brasileira do Livro, em 1999, o Troféu Eunice e Dulce Fernandes de Educação e Cultura, da Academia Mineira de Letras, em 2014, dentre

outros (Barbosa, 2018).

3 Metodologia

Esta pesquisa fundamentou-se no método dedutivo e analítico, numa abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos propostos, se deu de maneira exploratória e de cunho bibliográfico crítico-teórico, utilizando-se de livros, artigos científicos, dissertações, monografias, teses sobre o tema, e algumas pesquisas sobre as demais obras de Maria José de Queiroz, deixando evidente que, em relação ao livro *Amor cruel, Amor vingador* (1996), não encontramos estudos para nos embasarmos exclusivamente neles, apenas uma resenha crítica “A ficção de crime em *Amor cruel, Amor vingador*, de Maria José de Queiroz”, escrita por Christini Roman de Lima (2021).

Grandes literatos, críticos e ficcionistas nos ampararam neste estudo, oportunizando uma análise e compreensão acerca das dualidades entre amor e do ódio na ficção queiroseana, dentre eles, Maria Lúcia Barbosa (2018), Nadyne Prates Fiúza (2019), Christini Roman de Lima (2021), dentre outros.

4 Resultados e Discussão

4.1 Uma análise do amor e do ódio em *amor cruel, amor vingador*

O livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) é formado por cinco contos que podem ser lidos de forma independente, sem que haja uma ordem definida entre eles, tendo como tema central o amor e a morte. Um amor que se apresenta não como uma generosa forma de expressão humana, mas como forças aterradoras de ambição, egoísmo, machismo e possessão, capazes de destruir o objeto amado. Amores doentios que irão ocasionar assassinatos e suicídios, evidenciando o tom policial e detetivesco.

Segundo Queiroz (1996, p. 14), quanto à classificação, esta “*nivola*”²foge a toda classificação de gênero (pode ser apresentada como novela ou como contos) que, assim, os labirintos da trama policial são descritos a partir da lei, do comportamento dos personagens e do desembaraçar do próprio novelo diante dos interesses criados pelos personagens na narrativa. Em “O Juramento”, temos uma *nivola*, sendo o enredo mais longo do livro de Maria

²Neologismo criado por *Unamuno* para classificar seus romances e responder, ironicamente, à crítica impiedosa (QUEIROZ, 1996, p. 14).

José de Queiroz. Nas demais narrativas: “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratamento do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e a “A morte ao pé da letra”, temos quatro contos – histórias curtas e breves.

De acordo com Maria José de Queiroz:

Nas cinco histórias do livro, os paradoxos não se resolvem tão depressa, quanto desejamos. Em todas elas, à nova luz ou à nova perspectiva, a vítima se converte em culpado ou vice-versa. Descobri, ao epílogo de “A morte ao pé da letra”, que a tragédia de Sófocles poderia servir de script, em sucessivas versões, ao projeto homicida ou suicida desse ou daquele protagonista. E tudo dependeria da identificação do leitor com o seu duplo – o herói que lhe propiciasse a desejada catarse (Queiroz, 1996, p. 13).

Neste contexto, os contos de Queiroz possuem labirintos e enigmas que não são solucionados rapidamente, possibilitando aos leitores múltiplas interpretações: final feliz, mortes, prisão, dentre outras possibilidades que a autora dos contos nos leva a pensar e navegar dentro da narrativa.

Com focos narrativos variando entre primeira e terceira pessoa, os cinco contos buscam, a partir da memória, a descrição dos personagens que, ao longo dos contos, vivenciam um emaranhado de angústias, de tristezas, de amor, de vingança, descrevendo minuciosamente os assassinatos e os suicídios de todos os personagens nos respectivos contos, em que a violência é nitidamente observada como o único meio para que os problemas sejam solucionados (BARBOSA, 2018).

Percebe-se uma interferência dos narradores nos enredos e o resgate do passado, alternando os relatos das histórias e possibilitando uma compreensão aguçada do livro (BARBOSA, 2018).

Nos enredos de “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro”, o foco narrativo em terceira pessoa, característica marcante na produção ficcional de Queiroz, em que os narradores oniscientes narram a história e estabelecem total conhecimento acerca dos fatos e das personagens.

Em “A morte ao pé da letra”, narrado em primeira pessoa, por uma professora que conta/retrata a vida de um estudante de Literatura Comparada em Sorbonne, sua interferências constantes pesquisas realizadas pelo personagem Pierre, e a transfiguração da tragédia grega escrita pelo próprio Pierre. O narrador/personagem em primeira pessoa configura-se como participante ativo na narrativa, desenvolvendo relações íntimas e emocionais durante o enredo.

Os títulos dos contos: “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” se articulam com o livro, uma vez que retratam, na íntegra, o amor e o ódio vivenciados pelos personagens, um amor que foge do sentimento bondoso, fiel e se mostra cruel, maldoso e capaz de levá-los à morte. Tanto os contos quanto o título do livro nos levam a pensar em uma tragédia grega, na qual se veem histórias trágicas e dramáticas, ocasionadas pelas paixões humanas desenfreadas, em que as personagens estabelecem relações com deuses e heróis mitológicos.

Maria José de Queiroz utiliza na obra várias expressões da linguagem oral, ditados populares e gírias, possibilitando compreender a linguagem de uma região rica em expressões próprias e de importância à história e ao registro mineiro. Corroborando os pensamentos de Queiroz (1996, p. 19 – 93), “flor que não se cheire. Eu aprendi que errar é humano, mas persistir no erro é diabólico. Aquela dona peçonheta. Ô chente! Que chás tão quente. Mamata [...]”, são representações contadas/faladas que assumem um lugar histórico dentro do livro.

Observa-se, também, que a escritora Queiroz desenvolve uma escrita simples, de fácil compreensão, numa mescla de um vocabulário com expressões do francês e do inglês, em que se notam ressonâncias do seu próprio trajeto intelectual entre Brasil e outros países.

O seu léxico, mesmo quando apresenta termos estrangeirismos, aponta para os costumes, as tradições e as culturas, tanto mineiras quanto de outras nações, assim: *Bouquet* (buquê); *chalet* (casa de campo, chalé); *Boy* (garoto); *Maffia* (mafia); IBOPE (IBOPE); *Delega* (delega); *Causa mortis* (causa/morte); *Frankfurt* (Frankfurt); *Wall Street* (mundo financeiro); *Pizze* (pizza); *In extremis* (In extremis); *Stress* (Estresse); *Poirot* (Poirot); *Choix* (Choix); *Merci beaucoup* (Muito obrigado); *Ter’s chic* (Ter’s chique); *S’il vous plaît* (Por favor); *C’est l’avie* (É a vida); *L’amour toujours* (Ame sempre ame); *Esprit* (Mente); *Il faut que jeunesse passe* (Os jovens devem passar); *Marsella* (Marsella); *Ter’s joli* (É bonito); *Rouge* (vermelho); *Rendez -vous* (Encontro); *Chapeau* (Chapéu); *Quartier Latim* (Quartier Latim); *Cher mari* (querido marido); *Studio* (Estúdio); *Script* (Roteiro), (QUEIROZ, 1996).

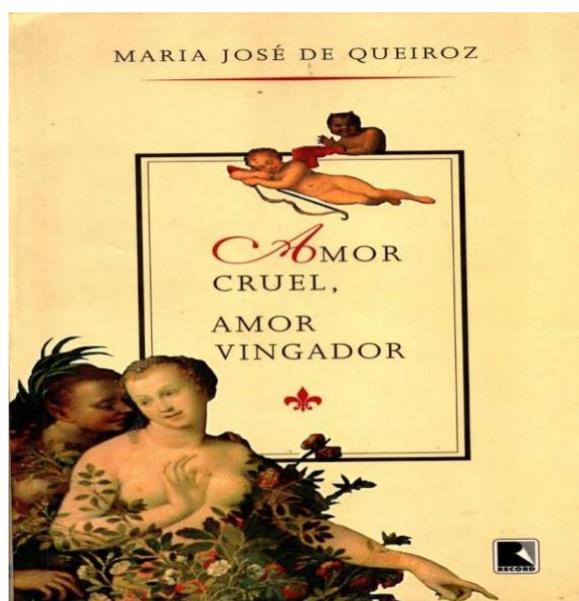
Pode-se inferir a necessidade que a autora tem de apresentar os falares diversificados das culturas e as expressões estrangeiras que se relacionam com a história de amor, de ódio e de vingança. As traduções das palavras estrangeiras mostram que os significados estabelecem conexões diretamente com a narrativa de Queiroz, esse amor, ódio e seus enigmas acerca dos principais suspeitos do crime.

A capa do livro *Amor cruel, Amor Vingador* (1996), realizada por Carolina Vaz, estabelece uma ligação com o enredo criado por Maria José de Queiroz. As ilustrações de Carolina Vaz na capa do livro nos mostram os paradoxos, como amor/ódio, mulher/homem, Deus/diabo, pureza e pecado, figuras em que, implicitamente, percebe-se, através da ironia explícita na ilustração, o quanto a sociedade carece de transformação acerca da dominação masculina sobre o sexo feminino, eliminando a imagem da mulher, que parece depender, exclusivamente, do homem, e de estar acompanhada por um indivíduo que denote completeza da sua figura.

As ilustrações evidenciam o amor como sentimento bom e capaz de derrotar o mal, porém, observa-se o olhar malicioso da personagem diabo, sinônimo do espírito maligno, levando o homem/mulher a se entregarem ao erotismo, fazendo alusão, ainda, ao paraíso de Adão e Eva (na ilustração da natureza como forma de abrigo), e às proibições acerca dos prazeres sexuais. O corpo feminino alude à sedução, à sensualidade e à sexualidade aflorada. Sugere, também, a indução ao pecado pelo sexo masculino, para o qual a mulher figura como objetosexual.

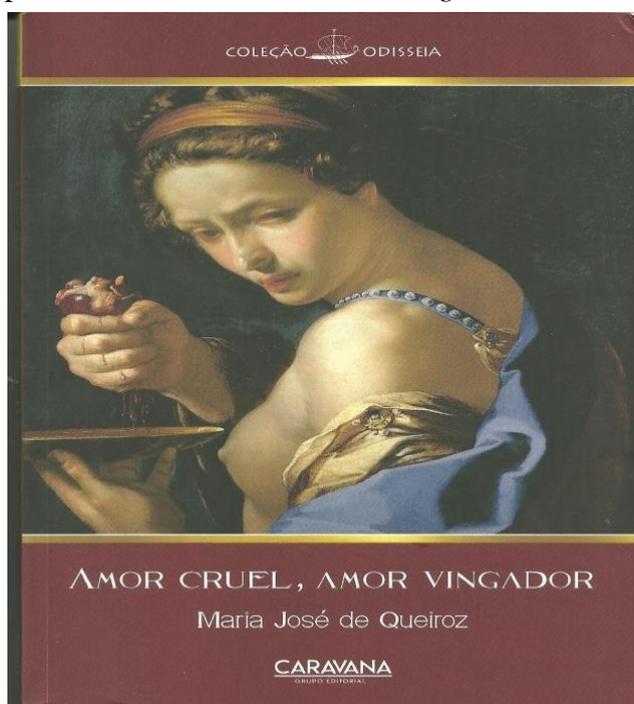
Vejamos, abaixo, as ilustrações das capas do livro *Amor cruel, Amor vingador* das edições de 1996 e de 2021, respectivamente – paratextos que estabelecem evidente relação com a narrativa de Queiroz:

Figura 3: Capa do livro *Amor cruel, Amor vingador* (1996).



Fonte: Grifos nosso – Imagem digitalizada do livro.

Figura 2: Capa do livro *Amor Cruel, Amor vingador* – nova edição - (2021).



Fonte: Grifos nosso – Imagem digitalizada do livro.

A mulher, na primeira imagem, é caracterizada como uma figura frágil e delicada, sua face voltada para baixo permite a ideia da submissão e opressão pela classe masculina. No entanto, é vista e lembrada como aquela que induz ao pecado. Cercada de rosas, brancas e vermelhas, que escondem seu corpo, como sendo parte dele, onde estão também os espinhos, traça o contraste de cores como se sugerissem a ideia de que aquilo que pode proporcionar prazer e paz, também pode ferir mortalmente.

A imagem do homem, com orelhas deformadas (semelhante a um ser mitológico), na capa do livro, reflete o ser dotado de virilidade, detentor de um grande poder de sedução, porém, camuflando a verdadeira face que carrega os interesses reais de imposição e preceitos superiores aos do sexo feminino.

Carolina Vaz sugere, na capa, que a imagem cristalizada da relação entre os amantes, de domínio do homem sobre a mulher – a qual se deixa seduzir, como um objeto de desejo a ser conquistado. Contudo, a imagem, se comparada aos textos literários dos livros, parece-nos servir de ironia, uma vez que a autora evidencia, na obra, a provocação sobre se refletir a respeito da desigualdade entre homens e mulheres, sobre as agendas de gênero ou de sexo. A relação entre a ilustração da capa e a narrativa possibilita perceber os retratos e as representações de gênero sendo caricaturados por meio da submissão feminina ao masculino.

A capa, ao rasurar os sentidos dos enredos, expõe, também, a própria condição de ser mulher. Há descrição do amor e da vingança como figuração de sentimentos capazes de transfigurar as personagens em indivíduos loucos pelas realizações dos desejos individuais.

Carolina Vaz, ilustradora do livro *Amor Cruel, Amor Vingador*, engendra e desenvolve relações de representações de um ideário social acerca das relações de gêneros e de sexo, no qual a imagem da mulher apresenta-se dependente da figura masculina. As dualidades entre homem e mulher permeiam o debate social ao longo da história e, nesse debate, evidenciam-se as relações de submissão feminina.

As caricaturas de gênero aparecem na capa do livro como representação de um espaço de dualidades entre homem e mulher: o sexo masculino, carregado do discurso de poder, da dominação e da submissão do feminino, enquanto ao sexo feminino, o silenciamento e a invisibilidade social.

Muitas mulheres, como Maria José de Queiroz, desenvolveram relevantes produções artísticas e literárias na literatura brasileira, contudo, foram silenciadas e não obtiveram uma visibilidade no cânone literário. A voz feminina, destinada exclusivamente ao espaço doméstico e privado, trava uma luta histórica para fazer-se ouvir e estabelecer seu lugar na sociedade. Os textos da escritora proporcionam a observação desse fenômeno, assim como das relações entre os diferentes grupos sociais, suas concepções de mundo, seus valores e seus domínios (Barbosa, 2018).

Queiroz estabelece questionamentos a partir das leituras acerca da história e dos paradigmas culturais “num trabalho de desvelar as contradições nas quais se fundamentam os discursos históricos oficiais de determinadas épocas” (Barbosa, 2018, p. 145).

A literatura denunciadora da autora procura mostrar uma linguagem ordenada e formal, durante a construção literária contemporânea. Essa postura humanística – e política – se revela fartamente ao longo dos fatos que são narrados, o que a torna uma escritora dotada de um significativo “corpus”, possuindo qualidade ímpar em suas produções, contribuindo para tornar sua literatura merecedora de um olhar atento por parte daqueles que apreciam sua arte (BARBOSA, 2018). Maria José de Queiroz situa-se em uma sociedade patriarcal e machista, todavia, sua produção fricciona os paradigmas de seu tempo, mostrando sua essência enquanto mulher/escritora, desvelando os paradoxos da sociedade e dos fatos.

O amor algoz, o erotismo, a sexualidade, a nudez, o ódio, o cupido e as dualidades entre homem/mulher representam, na produção artística de Queiroz, a potência para a construção de sentidos que configuram todo o percurso construtivo de uma mulher escritora; representam, também, os preconceitos e as desigualdades sofridas por uma mulher, principalmente se pesquisadora e escritora.

Os títulos que compõem as narrativas do livro – como dito – corroboram essa nossa percepção, ao trazerem enredos de castigo, de culpa, de inocência, de condenação e de angústias vividas pelas personagens – e de subversão. Observa-se a presença dos recursos estilísticos que proporcionam, dentro da narrativa de Queiroz, maior destaque e expressividade no discurso, uma vez que temos oposições, antíteses e paradoxos que se baseiam nos contrastes, conflitos, dualidades e excessos. As mulheres descritas no livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) representam mulheres que sofrem opressão por sua busca incansável por um universo feminino.

5 Considerações Finais

Amor cruel, Amor vingador traz temáticas diversificadas em relação ao amor, uma vez que são amores de pais para filhos, de madrasta para enteados, de mulher para homens e assim fecha a coletânea de Maria José de Queiroz. Ao mesmo tempo em que ocorre o bem: o amor, o mal: o ódio, se faz presente. As duas faces do amor caracterizam o ser humano, as frustrações, as fraquezas, que vão além da compreensão emocional. Maria José de Queiroz resgata, em seu livro, as dualidades do amor, como forma de mostrar, por meio da ficção, que, desde os clássicos até a contemporaneidade, histórias fascinantes ligadas à trama da vida, a crise do amor – é a representação da natureza humana.

As memórias de Maria José de Queiroz são estruturadas através da sua liberdade individual, “da experiência intelectual, as memórias coletivas que têm por objetivo resgatar edesnudar eventos e personagens esquecidos da História oficial” (Barbosa, 2018, p. 144).

O amor e a morte impõem uma forma de vida e trazem relatos que envolvem as cinco tramas (“O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”). Os personagens amam e morrem por amor. Um enredo baseado no amor, mas, ao mesmo tempo, se transforma em ódio/vingança. As cenas dos contos descrevem minuciosamente as dualidades entre o bem e o mal e mostram o final trágico das histórias pelo abismo da vingança, do orgulho, da cobiça, da

crueldade e de suicídios.

Maria José de Queiroz representa para a sociedade brasileira e mineira, uma mulher que resistiu aos preconceitos estabelecidos pelo sexo masculino e vai além dos discursos patriarcalistas, evidenciando seu lugar social enquanto escritora e professora.

Trazer à tona Maria José de Queiroz é reconhecer a sua relevante produção literária, as potencialidades de sua voz narrativa e do seu tom denunciativo à literatura brasileira/mineira. Os contos compostos de histórias conflituosas, em que o ódio prevalece, oferecendo aos leitores labirintos e enigmas que são inusitadamente solucionados no final de cada narrativa, com desfechos não raro solitários e infelizes, em que amor *versus* vingança e amor *versus* ódio são oposições nitidamente presentes. *Amor cruel, amor vingador*, com suas redes e tecituras que remotam ao clássico, mas também, modernas e contemporâneas, ratificam a força e o dinamismo dessa autora mineira, à qual ainda não demos o valor de que ela realmente é digna.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários – PPGL/Unimontes.

À Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

BARBOSA, Maria Lúcia. **História e memória na ficção de Maria José de Queiroz**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B45FCZ>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FIÚZA, Nady Prates. **Figurações do masculino em *Invenção a duas vozes*, de Maria José de Queiroz** [manuscrito]/Nady Prates Fiúza. – Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/FIGURA%C3%87%C3%95ES-DO-MASCULINO-EM-INVEN%C3%87%C3%83O-A-DUAS-VOZES-DE-MARIA-JOS%C3%89-DE-QUEIROZ.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NASCIMENTO, Lyslei. **Exercício de fiandeira: uma análise do romance *Joaquina, filha do Tiradentes***, de Maria José de Queiroz. 1995. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) –

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NASCIMENTO, Lyslei. **Maria José de Queiroz**. 1 fotografia. Rio de Janeiro. 2019.

QUEIROZ, Maria José. *Amor Cruel, Amor Vingador*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

QUEIROZ, Maria José. *Amor cruel, Amor vingador*. 2ª ed. – 122p. – (Coleção Odisseia: v.4). Belo Horizonte: Caravana. 2021.

WERNECK, Humberto. *O Desatino da Rapaziada*. Rio de Janeiro: **Companhia das Letras**, 1992.